

humanitas

Vol. LIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LIV • MMII



cultura grega, e que ocorre com muita frequência nos testemunhos, diz respeito à ligação da mulher com o firmamento (“la luna, su bisexualidad”). Este aspecto está de acordo com a importância que os astros sempre detiveram na vida do ser humano, mas a lua destaca-se por colhar o lugar cimeiro no imaginário colectivo. É o que acontece também com as deusas ctónicas e a Autora esclarece que não poderia ser de outra forma, dada a proximidade da lua e das deusas reprodutoras (153). A encerrar esta primeira parte, GONZÁLEZ CORTÉS dedica ainda um interessante capítulo ao fenómeno geológico do nascimento (“pedras cósmicas”), pela relação que estabelece com o tema da criação do universo. O facto de os nossos antepassados fazerem derivar a origem do universo do poder cósmico de pedras e minerais denota, segundo a Autora, a vigência de um pensamento geocêntrico. Ora porque as deusas Deméter e Perséfone personificavam a germinação das forças vegetais, elas acabavam por manter igualmente uma forte afinidade com as pedras criadoras, aspecto que vem enriquecer, também por esta via, a natureza do seu culto.

Depois de analisar a influência da cultura agrária representada pelas divindades eleusinas, bem como o peso civilizacional e conceptual que emanou de Deméter e Perséfone, a Autora avança, na segunda parte do trabalho, para a exploração de um paradigma diferente, que corresponde à decadência do telurismo em favor dos valores guerreiros. Ao longo desse processo, as deusas procriadoras foram cedendo, a pouco e pouco, o protagonismo a divindades ambiciosas, coléricas e guerreiras, que impunham a nova ordem sob o jugo da violência. Uma curiosa inferência é estabelecida por GONZÁLEZ CORTÉS entre força física e capacidade de expressão (“derrotas sonoras: la alogia y la anorexia”), que acabaria por traduzir-se num fenómeno de “virilização do acto comunicativo”. Valerá a pena citar as palavras da Autora (p. 231): «establecida la relación de continuidad entre la palabra escrita y razonada, *logos*, y la palabra oral y sagrada, *mythos*, no es vanal recordar que de la instrumentalización del lenguaje se derivara la afasia, la alogia, el analfabetismo... como actitudes culturales de la identidad femenina *divina y/o mortal*». Desta realidade resultará a hierarquização da sociedade, segundo um pernicioso processo de «incesto entre promulgación de leyes y ejercicio del poder» (263). Por outras palavras, o facto de a legislação ser produzida por quem detinha o poder acabava por legitimar as suas decisões, bem como confirmar o seu lugar numa posição privilegiada face à lei. Tal cenário é resultante da expansão cultural dos metais e da entrada no ciclo de os chefes militares se converterem em elite, fixando a sua supremacia legal a partir da força e superioridade fisiológicas. Em algumas narrações guerreiras, esta realidade vem espelhada na própria substituição do papel matricial do ventre (“la pérdida del vientre: entre los accidentes domésticos y el uxoricidio”). É o que acontece, por exemplo, na criação de Atena e de Dioniso, já que Zeus se substituiu ao ventre materno pelo recurso a outras partes anatómicas: a cabeça e a coxa. Ou seja, o corpo masculino usurpa, com sucesso, as funções de mãe, inclusive para dar origem a uma divindade guerreira, como é o caso de Atena. Há, portanto, um processo concomitante de «dignificación de la violencia», como espelha o assunto de um dos últimos capítulos desta segunda parte.

Em conclusão, GONZÁLEZ CORTÉS apresenta-nos um interessante estudo, onde começa por explorar, em conexão com os mistérios de Elêusis, o grande impulso civilizacional que constituiu o cultivo das terras. Analisa, depois, o papel que teve também a arte da guerra, a qual levou ao desenvolvimento de técnicas várias, sobretudo ligadas ao trabalho do metal. No entanto, o novo espírito bélico, além de desalojar progressivamente a “cultura agrária do ventre”, vai fechar as cidades sobre si mesmas e irá acentuar também os princípios da desigualdade, a que estão aliadas as ideias de violência, escravidão, domínio e manipulação das leis e do governo pelos mais fortes, sustentados por uma virilização da palavra, directamente proporcional ao silenciamento progressivo da mulher. «Con estas directrices, estas páginas han girado en torno a sucesos sociobiológicos, es decir, en torno a hechos sexualmente de gran peso y trascendencia, aunque modelados por la mano humana. Por eso, conservamos una cantidad ilimitada de relatos en torno al vientre fecundo, también alrededor de la bélica fuerza muscular» (331). Trata-se, portanto, de uma abordagem curiosa e que fornece interessantes pistas de trabalho. Ainda assim, a tendência, visível um pouco ao longo de toda a exposição, para sugerir uma oposição entre o que é feminino e bom, porque criador, e o que é másculo e mau, porque abusivo e destrutivo, deve, obviamente, ser relativizada e compreende-se apenas por a Autora partir da análise de um culto marcadamente agrário e feminino.

Delfim F. Leão

MONTANARI, F. & PITTALUGA, S.: *Posthomerica III*, a cura di (Università di Genova, Facoltà di Lettere, 2001) 103 p.

O volume agora publicado, terceiro já na sua série, é composto pelas comunicações apresentadas durante o seminário “Posthomerica III”, realizado em Génova, em 27 de Abril de 1999. Os textos das conferências então proferidas, e entretanto actualizadas, procuram evidenciar a fortuna de Homero, ao longo da tradição literária ocidental. É precisamente desta forma que os editores F. MONTANARI e S. PITTALUGA introduzem, na “Premessa”, os estudos em causa: «temi diversi, che dalla Grecia antica arrivano fino all'Umanesimo occidentale, sul filo rosso della vita perenne dei capolavori che hanno iniziato la cultura occidentale». Barbara Graziosi fala sobre a antiga tradição biográfica relativa à figura de Homero, entre os sécs. VI e IV; Mario Citroni, sobre a influência homérica em Horácio, com particular incidência na dimensão programática da epístola 1.2; Mario Cantilena, sobre a cronologia e técnica de composição dos *Posthomerica* de Quinto de Esmirna; Giorgio Brugnoli, sobre a influência da *Iliada* nos *Romulea* de Dracôncio; por último, Marianne Pade analisa a exegese homérica desenvolvida por Leonzio Pilato, no séc. XIV, para a versão latina da *Iliada*, que possui um interesse acrescido para o estudo da própria obra de Petrarca e Boccaccio.

Delfim F. Leão